

RELAÇÃO CIDADE-NATUREZA: CISÃO E RECONCILIAÇÃO? RESULTADO DE INVESTIGAÇÃO REALIZADA

Grupo de Trabalho: GT15 - Meio Ambiente, sociedade e desenvolvimento

Maria Betânia Ribeiro Torres, doutora em ciências sociais (PPGCS/UFRN), professora do
Departamento de Gestão Ambiental (DGA/FACEM/UERN)
betaniatorres@gmail.com

RESUMO

Este trabalho constitui parte de uma tese de doutorado, cujo objetivo central foi compreender se as práticas de educação ambiental, desenvolvidas em escolas públicas estaduais e municipais das cidades do Natal e Mossoró-RN, estavam contribuindo para possíveis ressignificações da relação sociedade-natureza, por meio da fala de professores de escolas públicas. A orientação teórico-metodológica deste estudo emprega a noção de campo social e *habitus* de Pierre Bourdieu, como eixo central para explicar a relação sociedade-natureza. Tem como foco a relação cidade, educação ambiental e natureza. A negação da natureza marcou bem a cisão entre o natural e o urbano; todavia, estudos atuais apontam a existência de processos de reconciliação das cidades com seus rios por meio de processos urbanísticos e educativos.

Palavras-Chave: Ressignificação. Sociedade-Natureza. Educação Ambiental.

1 Introdução

Este trabalho faz parte de uma tese de doutorado, cujo objetivo central foi compreender se as práticas de educação ambiental, desenvolvidas em escolas públicas estaduais e municipais das cidades do Natal e Mossoró-RN, estavam contribuindo para possíveis ressignificações da relação sociedade-natureza, por meio da fala de professores de escolas públicas. Tomamos como referência, para a orientação teórico-metodológica neste estudo, a noção de campo social e *habitus* de Pierre Bourdieu. A hipótese principal foi a de que estaria em construção um *habitus* socioambiental, em contraposição ao *habitus* utilitarista, numa visão mais ampliada da questão ambiental, advindo dessas práticas. Nessa perspectiva, um *habitus* se expressa no corpo dos indivíduos e nas coisas, de diversas maneiras. O *habitus utilitarista* advém do hábito de sujar para outra pessoa limpar, do hábito de quebrar e destruir o patrimônio público, entendido como não pertencendo a ninguém, da visão utilitarista dos recursos naturais, para usufruto unicamente para as atividades humanas (Torres, 2013).

Situado num cenário de uma crise socioambiental, aborda questões referentes à relação cidades, rios e práticas de educação ambiental, com enfoque na ressignificação, em construção, da relação sociedade-natureza, processada no espaço escolar, e se propõe a debater a relação entre cidades, rios e práticas de educação ambiental em escolas públicas, nas cidades de Natal e Mossoró-RN, destacando as relações de negação/saudosismo, revalorização/reconciliação das cidades com os seus rios.

2 Cidade: cisão entre o natural e o urbano

Segundo Carlos (2003) a cisão entre o natural e o urbano é uma característica da cidade moderna. E abordar essa relação implica em debater o processo da urbanização no mundo contemporâneo, no qual os papéis urbanos assentam-se sob o industrialismo, as novas formas de produção e o consumo da e na cidade, o que tem provocado uma série de contradições entre o ambiente

e o social nos espaços urbanos. Segundo essa autora, essas contradições podem ser vistas de acordo com algumas perspectivas:

1. O ambiental associado apenas ao natural, quando se sabe que ele contempla também o social, entendendo-se que o ambiente não se restringe ao conjunto de dinâmicas e processos naturais, mas advém das relações entre estes e das dinâmicas e processos sociais.
2. O ambiental como resultado das relações entre o natural e o social deve ser visto como tudo o mais, a partir de duas escalas temporais – a da natureza e a da sociedade.
3. A partir das representações sociais que se constroem a respeito da natureza e da cidade na sociedade contemporânea.

A crise socioambiental se expressa na deterioração da qualidade de vida nas cidades brasileiras, particularmente, nas condições de realização da vida material. Assim, a cisão cidade-natureza assume dimensões que se expressam, sobretudo, na degradação socioambiental das populações residentes em áreas de risco urbano, como margens de rios, lagoas, córregos, encostas. De tal forma, que a relação entre a cidade e o rio é permeada de inconstâncias e instabilidades, como afirma Sánchez (2010). O que leva-nos a debater as relações de negação/rejeição dos rios pelas cidades e o seu oposto: a reconciliação/revalorização dos rios pelas cidades.

3 Revalorização e reconciliação dos rios pela cidade: Natal e Mossoró-RN

Em meados da década de 1960, a relação entre homem e natureza emergiu com a denominação meio ambiente, tratada nos aspectos referentes à problemática do desenvolvimento. Nesse contexto, a problemática ambiental passou a designar uma pluralidade de questões incluídas no termo questão ambiental; com enfoque, inicialmente, na dimensão física da natureza, a exemplo do desmatamento de florestas (como os da Amazônia e da Mata Atlântica), do risco de extinção de espécies da flora e da fauna até chegar aos problemas permeados pela questão urbana, como a poluição de mananciais hídricos ou dos resíduos sólidos (Marcondes, 1999).

Como atesta Marcondes (1999), após a década de 1980, o tema ambiental permeou as formulações urbanísticas não mais em soluções globalizantes para a cidade, mas de maneira fragmentada, em torno de projetos objetivando a intervenções urbanísticas em parcerias estabelecidas entre o setor público e o privado. Tais intervenções, com foco na revitalização de territórios degradados, com a incorporação de elementos naturais presentes no espaço, não pressupõem a integração entre cidade e meio ambiente e sim incorporação do meio natural ao projeto urbano, ou seja, a utilização da natureza de acordo com sua inserção no projeto urbano.

Santos (1992, pp. 97-98), ao debater o significado da “redescoberta” da natureza, afirma que:

na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos. É nessas condições que a mundialização do Planeta unifica a Natureza. [...] A natureza é agora unificada pela história, em benefício de firmas, estados e classes hegemônicas.

Marcondes (1999) assevera que essa unificação não decorre da integração entre cidade e natureza e sim da utilização da natureza de acordo com sua inserção no urbano. É no espaço das cidades globais que incide o projeto ambientalista em direção à construção de cidades sustentáveis, tema recorrente, a partir da Agenda 21, aprovada pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, em que se estabeleceu a questão dos assentamentos

humanos, em especial, dos assentamentos urbanos, como problema ambiental, considerando o crescimento da população, em áreas urbanas.

Essas questões incidem na revalorização dos rios e nas mudanças recentemente ocorridas nos setores econômicos, sobretudo no setor industrial e de transporte com relação às áreas que margeam os rios urbanos. Para Coy (2010), devido aos frequentes deslocamentos industriais – em escala intra, inter-regional e internacional – muitas instalações perderam o seu uso original, especialmente, aquelas construídas no século XIX, nas margens das cidades antigas e que, hoje, se encontram em função da expansão das cidades, em plena área urbana. Com essas transformações, ocorrem mudanças em vários níveis na vida cotidiana da cidade e na percepção cidade-rio, pois muitas formas de atividades laborais tradicionais ou diminuem ou se extinguem e novas formas de trabalho substituem as antigas, com atividades, agora, mais voltadas para o setor de serviços financeiro, informática, administração e setor público. As funções de cultura e lazer também são modificadas, criando uma nova identidade para aquela antiga região. As áreas que margeam os rios são valorizadas com a construção de diversas instalações, tais como: museus, restaurantes, bares, *shoppings*, teatros, cinemas etc. Essa revalorização, contudo, está mais próxima da expansão do capital do que de projetos de qualidade de vida.

A revalorização dos rios pelas cidades se expressa num processo em construção que ocorre em diferentes dimensões, seja por meio de projetos urbanísticos, seja por meio de ações educativas. Neste caso, as práticas de EA assumem o protagonismo da ação e a escola é um espaço social privilegiado em que pese limites e possibilidades.

Assim sendo, as práticas de EA desenvolvidas a partir do tema rio sinalizam um processo de revalorização dos rios. Os resultados de pesquisa empírica realizada em 2009 e 2010, junto a 100 professores de escolas públicas das cidades de Natal e Mossoró-RN, revelaram, entre outros, que os temas mais evidenciados nessas práticas são: rio, lixo e reciclagem e água, e que o tema rio é desenvolvido por 74% das escolas pesquisadas em Natal e por 56% das escolas pesquisadas em Mossoró. Esses resultados indicam a influência de projetos e práticas de educação ambiental como referência para o estudo da relação cidades-rios e educação ambiental. Mais além, aponta a existência de um novo repertório pedagógico voltado para a realidade local, com possíveis contribuições a médio e longo prazo em novas relações sociedade-natureza.

A narrativa dos professores entrevistados apresentam diversas formas de perceber e atribuir sentidos e significados ao rio na/da cidade. Ao mesmo tempo em que revelam múltiplas formas de usos dos rios: econômica, social, natural, poética, estética, contemplação.

Eu acho que o rio é um berço de vida. Ele tanto serve pra alimentar a população pra alimentar pela pesca, o transporte. Eu acho que o rio, ele é indispensável para o desenvolvimento da cidade (Entrevistada nº 65, coordenadora pedagógica, escola municipal, Natal-RN).

Vejo como uma grande riqueza ambiental que Natal tem e que não consegue enxergar o seu potencial e que se não é cuidado de forma urgente vamos perder esse patrimônio (Entrevistado nº 58, diretor, escola municipal, Natal-RN).

[...] Acho que a tentativa de trabalhar as crianças pra ter um olhar diferente com o rio com a questão de valorização e de preservação é muito importante, mas isso é um processo. Eu vejo como um processo que ainda está se buscando essa valorização. O rio é muito importante, mas isso é um processo, eu vejo como um processo que a gente ainda está buscando essa valorização. O rio é muito importante para a população de Natal e que deveria ser muito mais cuidado, a

população deveria cuidar mais e não poluir tanto. Agora estão fazendo a captação das águas, eu acho importante fazer isso, pois ainda utilizam o rio pra pesca, pra banho e a gente que não utiliza o rio, só vê como uma beleza, um cartão postal só para a gente olhar, só que ainda é muito utilizado pela população (...), por isso quem não utiliza tem que preservar para quem ainda utiliza (Entrevistada nº 102, coordenadora pedagógica, escola estadual, Natal-RN).

Bom, principalmente aqui no nosso bairro é mais assim a questão de preservação, principalmente do leito do rio que passa nesse bairro. É claro assim, que quando a gente se envolve num projeto desse não é só pela questão do nosso bairro, é pela questão do mundo inteiro (...) (Entrevistada nº 9, supervisora, escola estadual, Mossoró-RN).

Coy (2010) afirma que a relação rio-cidade não é estática – nem estável. Ela depende de muitos fatores: de mudanças econômicas, das formas de comunicação e de transporte, do direcionamento dos processos de expansão urbana, das políticas e do planejamento urbano e do comportamento dos habitantes. Segundo esse autor, já se observa, em cidades europeias e latino-americanas, mudanças na relação cidade-rio, no sentido da conversão de áreas de decadência e degradação em direção a uma revalorização e reconciliação.

Para este autor o rio teve uma grande influência no processo de colonização do interior, no intercâmbio comercial, na localização das indústrias, nos dias atuais vai assumindo outras funções. Ele vai sendo percebido como um lugar atrativo, que dá uma identidade específica à cidade.

As entrevistas de campo indicam também a existência de um outro olhar sobre o rio, numa visão mais ampliada das questões ambientais. Embora, seja apontado que os alunos estão vendo e falando do rio de outra maneira. Embora, essa maneira seja uma constatação de que não se deve mais banhar-se nas águas do rio Potengi porque ela está poluída. Daí, que o rio é só para ver, contemplar, atravessar as pontes que o cortam, ligando a cidade de um ponto a outro.

Os alunos sim, os alunos sim. Ah! Os alunos quando falam no rio, já falam de outra maneira [...]. Eles começaram a ver o rio de outra maneira, eles pensavam que o rio era lugar pra tomar banho, -- ah o rio é pra tomar banho, tomar banho... E hoje não é mais só um lugar pra tomar banho, nem é lugar pra tomar banho mais né? Eles já viram que o rio não é lugar de tomar banho, a gente tem que preservar por que... Deles, deles, eles estão vendo o rio de outra maneira, completamente diferente (Entrevistado nº 54, diretor, escola municipal, Natal-RN).

Ah! Eu adoro o rio [...]. Adoro a natureza... Eu vou, saio no domingo com um grupo de crianças só pra ver o rio, passar na ponte, então tudo isso pra mim é vida, é alegria, é motivação pras crianças (Entrevistada nº 79, diretora, escola estadual, Natal-RN).

[...] Eu acho que o rio ele é o centro de Natal, Natal praticamente nasce a partir do rio Potengi e toda sua sustentação econômica também em cima do rio Potengi através dos mangues, caranguejos peixes e tal, só que houve o que uma exploração tamanha do ser humano em relação a esse rio que ele foi morrendo

aos poucos, lógico ele não é morto, mas uma poluição muito grande em cima do rio Potengi, isso é infelizmente, porque o rio Potengi é muito importante para nossa vida (Entrevistado nº 67, professor, escola municipal, Natal-RN).

Na cidade de Natal, o Projeto Barco-Escola Chama Maré, uma iniciativa do governo do RN/Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh) e do Instituto de Defesa do Meio Ambiente (Idema), inserido no Programa de Recuperação do Estuário do rio Potengi está “voltado para ações de educação ambiental no estuário do Rio Potengi. Teve início em outubro de 2006 e realiza diariamente três aulas-passeio, atendendo um público de 3000 pessoas/mês” (Rio Grande do Norte, 2009, p. 6).

As narrativas dos entrevistados indicam que a iniciativa da Escola-Barco Chama-Maré tem proporcionado não só alteração no repertório escolas, mas também uma visão ampliada do rio e uma relação de identidade, ou seja: o rio não é apenas uma paisagem, o rio não é só um curso d’água, um rio conforma diversas funções ecológicas, sociais, culturais e econômicas, conforme podemos ver nas entrevistas abaixo descritas:

A partir desse projeto [Projeto Chama-Maré] a gente começou a perceber que o rio não é apenas uma paisagem, mas fonte de recursos pra muitos moradores daqui do bairro (Entrevistada nº 66, professora, escola municipal, Natal-RN).

Os alunos começaram a questionar o porquê de o rio ser tão poluído, isso foi percebido muito mais nos alunos. Por eu ter o conhecimento de como o rio era poluído, o projeto só fez ratificar o que eu já sabia (Entrevistada nº 72, vice-diretora, escola estadual, Natal-RN).

É, digamos assim, a gente já percebe o respeito com o rio sabem, eles [os alunos] já tem esse cuidado de não jogar lixo, eu acho que não houve mais comentários que eles estão pra lá, eles observam durante a aula passeio a importância que esse rio tem, que é que acontece com ele, o que vai acontecer com ele, como era ele, todo um histórico, e a partir daí eles vão tendo o prazer de dizer: moro à margem do rio Potengi (Entrevistada nº 75, diretora, escola estadual, Natal-RN).

A preocupação em preservar, compreendendo a importância do rio para a cidade se sobressai em todas as narrativas dos entrevistados. Abaixo selecionamos alguns trechos representativos das entrevistas:

Percebo sim. Com a questão da conservação da limpeza da sala de aula. Grande parte [dos professores] foi ao passeio e não foram todos que mudaram, mas ainda houve uma mudança daqueles que participaram dos projetos, motivados mais ainda para a discussão desse tema meio ambiente e esse ano foi feita a visita três vezes ao Parque das Dunas e duas vezes a aula passeio no Barco Chama Maré porque está em evidência mesmo. É justamente o prazer que elas têm nessa parceria professor-aluno, eles gostam porque desenvolvem também um trabalho, aí quando eles vêm e contam dos lugares que já foram e sugerem outros locais. Eu sou da comunidade, mas assim, essa realidade do rio Potengi

eu não tinha, mas a partir do que eu me envolvi mais com os alunos e vi como era aí tive que me envolver também, não só por curiosidade, mas com a vontade de melhorar, eu acho interessante porque eu também aprendo mais e eu aumento o meu conhecimento (Entrevistada nº 81, coordenadora pedagógica, escola estadual, Natal-RN).

Ah, com relação à poluição, como é que se diz: o lixo mesmo que eles passaram a perceber, que papel da bala que eles jogavam aqui, ela ia direto pra lá, então, é essa questão do saneamento né, que foi trabalhado aí também o saneamento dos bairros (...). Durante o projeto foi trabalhada a questão do saneamento, a questão do abastecimento de água, tudo isso envolveu (Entrevistada nº 88, diretora, escola estadual, Natal-RN).

O destaque dado às narrativas das aulas de campo no rio Potengi incide no fato de que o projeto Barco-Escola Chama Maré tem o foco nesse rio, e a sua existência tem influenciado as práticas de educação ambiental com o tema rio pelas escolas de Natal. A aproximação do Chama Maré com as escolas ocorre por meio de encontros de apresentação da proposta da escola-barco e de planejamento das ações conjuntas. Para uma escola fazer a aula-passeio, o pré-requisito é que ela elabore um projeto pedagógico com a temática, seja para a escola ou para uma turma. O Projeto tem um público-alvo bastante amplo: professores e estudantes da rede pública e privada do Estado e a sociedade em geral, tendo atingido um público de 23.900 participantes no período de outubro de 2006 a maio de 2008 (Rio Grande do Norte, 2009).

A efetividade desse projeto, a nosso ver, reside também na incorporação da temática ambiental no projeto pedagógico e curricular como uma ação contínua e permanente. E isso poderá refletir na revalorização social do rio Potengi e incidir na construção de outros olhares sobre eles, pois as mudanças de atitudes e comportamentos pedem tempo, persistência, continuidade, investimento. E nem sempre são mudanças muito visíveis.

O projeto Chama-Maré, então, convive com as contradições do sistema público de educação, com as suas inconstâncias e instabilidades, no sentido da construção de novos conhecimentos e da ressignificação da percepção da população sobre o Estuário do rio Potengi.

Conforme Silva, Silva e Araújo (2010):

[...] A Escola [...] não contempla especificamente a implementação de programas socioambientais voltados para a preservação do Rio Potengi-RN em seu Projeto Político Pedagógico e também não são previstos pelo conselho escolar ações nesse âmbito [...]. No ano de 2009, existiu um projeto de aulas de campo no “barco escola” proposto pelo professor de Geografia que não perdurou até dias atuais. Além dessa, outra atividade foi iniciada no ano em questão pela professora de Ciências com a proposta de coleta de lixo no bairro e panfletagem, visando à conscientização da comunidade, mas também não houve prosseguimento. As razões apontadas pelo professor são: indisciplina dos estudantes e falta de recursos financeiros para o deslocamento dos estudantes no caso do projeto do barco escola, refletindo a seriedade com que a educação no Brasil é tratada (Silva; Silva; Araújo, 2010, p. 5).

À medida que o texto acima destacado afirma que projetos são iniciados mas não têm prosseguimento e uma das razões é a “indisciplina dos alunos”, tal fato remetem-nos a Bourdieu

(2007), a fim de compreender, de maneira crítica, os efeitos automáticos dos condicionamentos impostos pelas condições de existência e destacar o papel das intervenções propriamente educativas da família, do grupo social e dos agentes escolares (avaliações, conselhos, injunções e recomendações), visando favorecer o ajustamento das aspirações às oportunidades, das necessidades às possibilidades, a antecipação e a aceitação dos limites visíveis ou invisíveis, explícitos ou tácitos inscritos na posição ocupada pela pessoa, ao invés de se buscar a superação dos limites individuais e sociais, estes são reforçados: “isso não é para você”. (Bourdieu, 2007).

A degradação ambiental da bacia do Rio Apodi/Mossoró foi um argumento motivador para a proposição do Projeto Rio Apodi/Mossoró: integridade ambiental a serviço de todos, desenvolvido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)/Fundação Guimarães Duque, sob o patrocínio da Petrobrás, no período de 2007-2009 (Fundação Guimarães Duque, 2009). Esse projeto, entre outros, teve como objetivo contribuir para o exercício da cidadania, criando espaços participativos e despertando valores éticos na busca da reversão do estado de degradação do rio, com atuação junto a 12 escolas públicas municipais e estaduais do Ensino Fundamental I e um bairro.

Para Spirn (1995, p.28):

O ambiente natural de uma cidade e sua forma urbana, tomados em conjunto, compreende um registro da interação entre processos naturais e os propósitos humanos através do tempo. Juntos contribuem para a identidade única de cada cidade.

As mudanças percebidas no ambiente escolar com relação ao rio, os limites dessas mudanças e a construção de uma consciência ambiental em relação à problemática ambiental do rio, como um esforço da sociedade; por outra, a ausência e a necessidade de maior empenho e participação do poder público e de empresários para a resolução do problema do rio, são ressaltadas nas narrativas abaixo:

Se eu fosse encabeçar uma campanha para o rio Mossoró, eu faria, porque o rio é beleza natural mais diferente que se tem na cidade (Entrevistada nº 3, diretora, escola estadual, Mossoró-RN).

Nós percebemos mudança em relação à gente saber que tem que preservar, que a preservação é o mais importante, certo. Só que é pouca a contribuição, a preservação é o mais importante. Olhe, nós percebemos aqui, que hoje quando a gente, nós fizemos um passeio pra li, a gente levou lanche, fez tipo um pic nic, e quando terminou era papel, copinho descartável, essas coisas, aí teve um aluno que disse assim: “olhe, vamos pegar uma sacolinha pra gente juntar os copos descartáveis”. A gente vai e já aproveita aquele momento pra trabalhar aquela questão, porque assim é até interessante, importante quando você vê que um aluno se sensibiliza pra isso, né... Você vê que alguma coisa tocou aquele aluno e alguma coisa realmente muda, melhora dentro da escola. Um projeto desses, você não fica (...). Principalmente assim, o rio é muito importante, se o rio fosse limpo tinha peixe, tinha alimentação, tinha água saudável pra muita gente da comunidade que não tem como ter isso (...). Hoje, o rio aqui para o bairro tanto faz ele está ali, como ele não está, entendeu? Eu acho que assim ninguém dá importância pra ele, que ele está um rio morto. (...) O que a gente ver é mais a sociedade, a contribuição da sociedade. Pronto, uma minoria como

vocês, a universidade está formando esse grupo de estudo, conscientizando, está trazendo para as escolas, a gente começa a trabalhar essa criança desde pequena para que isso aconteça. Só que ele vai crescendo, a gente trabalha enquanto ele é pequeno, ele vai crescendo e vai ver que isso permanece do mesmo jeito. Alguns tomam consciência que devem preservar e permanecer preservando. Mas, outros veem que nada foi feito, vai continuar do mesmo jeito, então o que eu vou fazer não vai interferir em nada (Entrevistada nº 9, supervisora, escola estadual, Mossoró-RN).

(...) O dilema de professores, alunos e funcionários e a visão do Rio Mossoró é que todos nós temos um anseio, a vontade de ver um rio melhor, de vermos um rio despoluído, de contribuir para que isso aconteça. Sabemos que isso não é uma consciência geral, se fosse não estaria do jeito que está. Mas, nós acreditamos que através dos estudos, através da formação de uma nova consciência ecológica, daqui a alguns anos nós veremos um mundo melhor. Hoje se ver no mundo um número de pessoas muito melhor se preocupando com o rio, inclusive os nossos alunos (Entrevistada nº 43, diretora, escola municipal, Mossoró-RN).

A gente aprende a conviver, não aceita, mas acredito que deveria ter uma maior participação da parte dos políticos e dos empresários para resolver a questão do Rio Mossoró (Entrevistado nº 12, diretor, escola estadual, Mossoró-RN).

Para Gorski (2010), no Brasil poucos planos de recuperação de rios urbanos têm sido criados com a abrangência dos internacionais. E, quando elaborados, os planos nacionais dificilmente são implementados, ou apenas parcialmente, devido a falta de investimentos nesse setor. Todavia, sem deixar de reconhecer a importância de planos abrangentes para a gestão bem-sucedida da água na cidade, Spirn (1995), afirma que pequenos planos engenhosos também podem melhorar a cidade, quando coordenados, podem ter um efeito de longo alcance. Assim: “as soluções não precisam ser abrangentes, mas o entendimento do problema sim” (p. 27).

Então, as práticas de educação ambiental incluída nos planos de recuperação/revitalização de bacias hidrográficas são as primeiras ações a serem implementadas, enquanto outras ações de planejamento urbano e ambiental, a exemplo de projetos de saneamento básico, aguardam um tempo de espera para sua execução e funcionamento. Relatos dos entrevistados apontam uma ampliação da visão de estudantes e professores em relação ao rio:

Todos estão tendo uma visão mais ampla (Entrevistada nº 30, supervisora, escola estadual, Mossoró-RN).

A conscientização na escola está crescendo, até porque a escola é localizada de lado do rio, então a partir da realidade local houve uma maior preocupação (Entrevistada nº 47, vice-diretora, escola municipal, Mossoró-RN).

Está havendo mais preocupação como meio ambiente, com o rio e a sua poluição (Entrevistada nº 34, coordenadora pedagógica, escola estadual, Mossoró-RN).

Conseguir assimilar o rio não só como um enfeite e ver a importância dele para a cidade passando a respeitá-lo e entender que ele faz parte da população (Entrevistada nº 30, supervisora, escola estadual, Mossoró-RN).

Em meio a relatos otimistas, outros afirmam que não ocorreram mudanças, mas sensibilização. Mais ainda, que as mudanças ambientais precisam acontecer, pois o rio continua em processo de degradação ambiental. E que ainda não ocorreu uma mudança significativa porque ele ainda está poluído e a despoluição do rio é um sonho que precisa ser realizado. Ou seja, a recuperação, a revalorização e a reconciliação das cidades com os rios seria mais utopia, a utopia dos rios vivos e piscosos. Como dito anteriormente, é a realidade que gera uma utopia e é a utopia que torna o mundo suportável (Pessoa, 2006, p. 23).

Não foi visto uma mudança, o que ocorreu foi uma sensibilização e que nunca foi trabalhada uma sensibilização como essa. É um bom início e que todos fazem parte do ambiente, que precisa ser visto, trabalhado e cuidado (Entrevistada nº 49, diretora, escola municipal, Mossoró-RN).

A mudança é assim, não foi uma mudança muito significativa, certo? Porque, assim, é ainda estamos engatinhando, então não é pra eu dizer assim: “foi uma mudança muito significativa, a gente já tá vendo de que o rio está limpo, não!” Ainda está acontecendo, ainda temos que trabalhar muito pra que a gente consiga realizar esse sonho, é necessário que tenhamos mais pessoas engajadas nesse projeto, pra que a gente possa ver realmente uma mudança (Entrevistada nº 48, diretora, escola municipal, Mossoró-RN).

Não vejo mudanças não. A começar pelo rio que continua no mesmo estado de calamidade, com muito lixo, a água muito suja. Então, não vejo mudanças não (Entrevistada nº 23, coordenadora pedagógica, escola estadual, Mossoró-RN).

A problemática ambiental dos rios não é nova. E a sua resolução envolve medidas de dupla dimensão: natural e social. Embora a problemática socioambiental esteja na agenda pública mundial e local, o que nos chama a atenção é que as iniciativas de educação ambiental e as políticas públicas ambientais têm ritmos bastante diferentes e lentos no processo de transformação do quadro de degradação socioambiental, no caso específico dos rios.

A relação cidades-rios, em Natal e Mossoró, imprime um cenário envolvido em limites e possibilidades que remetem à educação ambiental que está em desenvolvimento nas escolas. Contudo, o processo de ressignificação da relação sociedade-natureza, orquestrado nas escolas públicas pesquisadas, não encontra eco nas ações governamentais, em prol da revitalização dos rios.

E mais além, as condições físicas e de gestão dessas escolas estariam a dizer que muito pouco se poderia esperar que, em escolas públicas, localizadas em bairros pobres e, praticamente, sem voz, exista um processo quase invisível de construção de um novo aprendizado social com reflexos possíveis na relação da cidade com a natureza.

Como assegura Spirn (1995):

A gestão bem sucedida da água na cidade exigirá projetos abrangentes, muitas ações individuais e a percepção de que a drenagem das águas pluviais, o controle das enchentes, o abastecimento de água, a conservação, a disposição

do lixo e o tratamento dos esgotos são todas facetas de um sistema muito maior. Cada cidade deve desenvolver uma estrutura na qual as consequências dos esforços metropolitanos maiores, bem como os efeitos cumulativos das ações individuais, possam ser apreciados (Spirn, 1995, p. 183).

A abrangência do que propõe Spirn remete-nos a argumentar que, embora os projetos de revalorização dos rios e das suas margens envolvam ações de turismo e lazer, eles não são suficientes e carecem de limites, pois as questões mais graves, já abordadas aqui, não são vistas com a seriedade que elas exigem para que os problemas, entre as cidades e seus rios, sejam melhor equacionados.

De tal modo, que não se fixem as ações de revalorização, apenas em projetos voltados para o mercado, sem responder ao problema da escassez da água e muito menos com a redução das enchentes e alagamentos. Mas, que possam obter uma importância para a história das pessoas e da cidade, que não seja só de perdas de vidas e de patrimônio construído ao longo da vida de milhares de famílias residentes em áreas ribeirinhas.

4 Considerações finais

Este trabalho procurou mostrar a existência de processos de resignificação da relação sociedade-natureza em construção no espaço de escolas públicas de Natal e de Mossoró-RN, configuradas na ampliação dos interesses dos professores e estudantes, sobre as questões socioambientais. Esses processos estariam atuando como aliados da gestão ambiental das cidades.

Nesse percurso, os rios das cidades de Natal e Mossoró, ao entrarem nas salas de aula, propiciam aos estudantes e professores saírem dessas salas e visitarem a cidade, compondo uma dimensão local e global do processo educativo, por meio de práticas pedagógicas contextualizadas, contribuindo para a ampliação da visão dos envolvidos com essas práticas a respeito da relação sociedade-natureza.

Embora, os projetos e práticas de educação ambiental, desenvolvidos nas escolas públicas de Natal e Mossoró, não alterem as desigualdades socioambientais, têm possibilitado “trocar as lentes” dos olhares da comunidade escolar sobre a natureza.

Assim sendo, ao fazermos uma digressão a respeito da relação cidades, rios e educação ambiental, nas cidades de Natal e Mossoró, constatamos sutis diferenças e evidentes semelhanças no trabalho empreendido pelas escolas, no que diz respeito à temática ambiental, mesmo considerando a existência de uma escola-barco na cidade de Natal e de projetos com o tema rio em Mossoró. De toda maneira, a existência do projeto Barco-Escola Chama-Maré parece justificar uma maior presença do tema rio nas escolas de Natal, enquanto que nas escolas de Mossoró, a questão do rio é inserida no processo pedagógico mais pelas iniciativas de professores ou grupos de professores.

Essas conclusões não desconsideram que embora haja um aparato legal brasileiro no tocante as questões ambientais e sociais, essas leis, mesmo como resultante de processos sociais, não eliminam as contradições sociais e enfrentam resistências à sua aplicação. De tal modo, que as resignificações da relação sociedade-natureza convivem com esses limites. Um *habitus socioambiental*, por sua vez, pode ser identificado por meio de diversas práticas percebidas no cotidiano da escola. Esse novo *habitus socioambiental*, se expressa no corpo e se apresenta nas coisas (escolas), simultaneamente e sutilmente, pois diferente da degradação socioambiental, visível na maioria das vezes, as novas atitudes e comportamentos requerem um olhar mais apurado e um investimento de longo prazo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. (2007). *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARLOS, Ana Fani; LEMOS, Inês Geraiges. (orgs). (2003). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto.
- COY, Martin. (2010). A interação rio-cidade e a revitalização urbana: experiências europeias e perspectivas para a América Latina. *Revista Eletrônica Documento Monumento*, Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, v. 3, n. 1, p. 202-213, dez. Semestral. Disponível em: <<http://200.17.60.4/ndihr/revista-especial/expediente.html>>. Acesso em: 22 mar. 2011.
- GORSKI, Maria Cecília Barbieri. (2010). *Rios e Cidades: ruptura e reconciliação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- MARCONDES, Maria José de Azevedo. (1999). *Cidade e natureza: proteção dos mananciais e exclusão social*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp. (Coleção cidade aberta).
- PESSOA, Denise Falcão. (2006). *Utopias e Cidades: proposições*. São Paulo: Annablume, Fapesp.
- RIO GRANDE DO NORTE (RN). (2009). *Projeto Barco Escola Chama-maré*. Governo do Estado do Rio Grande do Norte. *Projeto Barco Escola Chama-Maré*. Natal: Idema/Proeco.
- SÀNCHEZ, Ivette. (2010). O rio como figura de pensamento poético-cultural. *Revista Eletrônica Documento/monumento*. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, v. 3, n. 1, p. 09-20, dez. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://200.17.60.4/ndihr/revista-especial/expediente.html>>. Acesso em: 22 mar. 2011.
- SANTOS, Milton. (1992). 1992: a redescoberta da natureza. In: *Estudos Avançados*, São Paulo. São Paulo, Edusp, n. 14, v. 6:95-106, jan-abr.
- SILVA, Suzete Câmara da; SILVA, Samir de Paula; ARAÚJO, Thiago Augusto Cunha de. (2010). A prática pedagógica no ensino da geografia sob a perspectiva docente no contexto do rio Potengi. In: *CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA (CONNEPI)*, 5, Maceió. *Anais...* Maceió: Instituto Federal de Alagoas, p. 1 - 8. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/download/1118/907>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

SPIRN, Anne Whiston. (1995). *O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade*. Tradução: Paulo Renato Mesquita Pellegrino. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TORRES, Maria Betânia Ribeiro. (2013). *As cidades, os rios e as escolas: um estudo das práticas de educação ambiental nas cidades de Natal e Mossoró – RN*. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade do Rio Grande do Norte, Natal.